



Entrevista de Luciano Raposo de Almeida Figueiredo

Concedida a
**Andrea Ribeiro; Mauro
Amoroso**¹

Luciano Figueiredo, editor da Revista de História da Biblioteca Nacional (RHBN), historiador formado pela PUC-RJ e especialista em História do Brasil Colônia, atua na área de História desde o início da década de 1980. É professor do Departamento de História da Universidade Federal Fluminense (UFF) e pesquisador do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Publicou, dentre outros, *Rebeliões no Brasil Colônia* (Jorge Zahar Editor, 2005) e *Barrocas Famílias - Vida Familiar em Minas Colonial* (HUCITEC, 1997). Além disso, é organizador da Coleção História de Bolso da Revista de História da Biblioteca Nacional.

¹ Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais - CPDOC/ FGV.

Na entrevista à Revista Mosaico, Luciano Figueiredo fala sobre divulgação científica e o diálogo entre historiadores e jornalistas, a partir da sua experiência profissional.

Qual a importância da divulgação científica para a área de História e das ciências sociais no Brasil? Qual o balanço que você faz da sua experiência com a divulgação científica nesses últimos anos (desde 2003, com o trabalho na revista Nossa História) na Revista de História da Biblioteca Nacional (RHBN)?

Fazer girar mais rápido a roda da vida cultural, social e política. É isto que induz a difusão do conhecimento, em especial nessas disciplinas. História e ciências humanas têm um expressivo papel mobilizador junto aos indivíduos e grupos, uma vez que lidam com identidade, memória, participação e organização públicas, interação e confrontos, assim como condições de existência. São processos que tem uma linha direta com o debate nas universidades e centros de pesquisa e, por isso, difundir o que pensamos ali é alcançar interlocutores até então alheios, reformular conceitos cristalizados por aí, formar novos referenciais de consciência. Logo, cuidar da formação de um público. Desde aqui deve ficar claro o que chamamos de “divulgação científica” para não embaralharmos a discussão proposta por esta entrevista. Trata-se da apresentação de conhecimento acadêmico, acompanhada por especialistas da área, sob novas formas e suportes para um público ampliado. Sob esse recorte a experiência de uma revista de História como a nossa, destinada ao grande público, e algumas outras iniciativas recentes de difusão (exposições, sites, programas de rádio) feitas a partir da iniciativa da academia representam ainda muito pouco do que devemos e podemos – cientistas sociais - fazer. Quando o cenário envolve nossa área de estudo, prevalece o julgamento de Renato Janine Ribeiro¹ ao lembrar certa vez que o “compromisso das ciências humanas com a formação de um público não tem sido devidamente valorizado”. Em nossa esfera de atuação temos procurado responder a isso, contando com múltiplos apoios e o entusiasmo, envolvimento e a confiança do Conselho

Editorial que acompanha de perto nosso trabalho editorial. A Revista é uma gigantesca vitrine do que se faz, pensa e ensina na área de História. Desde novembro de 2003, quando saiu o primeiro número mensal da *Nossa História*, cujo espírito continua na *RHBN*, até hoje se ofereceu uma incrível visibilidade sobre o pensamento da historiografia brasileira e sobre o Brasil. E a engrenagem girou: adensou alguns debates, renovou noções cristalizadas dos leitores, subsidiou o processo de ensino e tornou melhor delineada a figura pública do historiador. Mas por dentro essa vitrine tem circuitos que foram ativados, como as mudanças em nossa cultura profissional. Desacostumados a lidar com o leitor comum em larga escala, tem sido reconfortante o reconhecimento social alcançado quando autores publicam um artigo que pode ser facilmente lido por 20 mil pessoas em todos os estados brasileiros. Historiadores tem um compromisso social inato, são sensíveis às possibilidades asseguradas pelo grande alcance de seu trabalho. Assim, hoje a idéia de preparar um texto mais direto, com linguagem mais descompromissada, simplificado mas sem simplificação das idéias fundamentais, não é vista com a estranheza de outrora. E a abertura que a publicação na revista permite, como o diálogo com os leitores que comentam, criticam e reconhecem o valor da leitura, reforça isto. O conhecimento histórico está hoje democratizado como jamais se viu.

Como você avalia a relação de convivência entre historiadores e profissionais de outras áreas, como jornalismo, na produção de material para um público não-especializado? Qual a influência que isso pode ter na forma do historiador escrever?

É uma convivência carregada de tensões, mas necessária. Ela se desdobra em situações as mais diversas e aqui tratarei apenas do jornalismo autoral e impresso. Jornalistas habitualmente escrevem sobre história para o público não-especializado, embalados por um aguçado senso de oportunidade e gosto por episódios e personagens do passado. Publicam sem o fardo do respeito aos pressupostos teóricos e metodológicos da disciplina, apesar de freqüentarem os arquivos e bibliotecas e muitas vezes percorrerem a bibliografia sobre o tema. A história aparece narrada como ficção sem qualquer compromisso com a busca de compreensão das dinâmicas desta ou daquela época. Às vezes agradam o público – como acontece com Eduardo Bueno e Laurentino Gomes – e raro são os que não ferem princípios

que os historiadores julgamos importantes: elegem nuances que nem sempre tem qualquer representatividade, apelam ao pitoresco, além de cometerem anacronismos. É evidente que jornalistas não têm obrigação de dominar todos os métodos do ofício de historiador e o passado tampouco é exclusividade deste último. Mas vale que conheçam algumas questões elementares da disciplina. Da mesma forma os historiadores podem se beneficiar na troca. Bons textos jornalísticos mobilizam humor, valorizam informações capazes de provocar a sensibilidade do leitor, apreciam dramas individuais, quando o passado aparece em carne e osso; tudo isto diluído em uma boa, ritmada e irresistível narrativa. Na *Nossa História* e na *RHBN* o trabalho ombro a ombro entre jornalistas e historiadores foi e é decisivo, um privilégio que faz toda a diferença. Espírito de colaboração com um exercício diário de paciência mútua sempre resulta em boas saídas. Os jornalistas dominam como ninguém os sortilégios da boa forma de comunicar. Das técnicas que empregam – títulos, *leads*, organização do texto, etc - não se pode abrir mão quando estamos a nos dirigir para leitores leigos, especialmente se se trata de revistas vendidas em banca de jornal. Eles não apenas dominam as formas e técnicas de apresentar este tipo de texto, mas em um trabalho cooperativo pensam a disciplina de uma maneira aberta e criativa percebendo enfoques que nos escapam. Colaboram imensamente para enxergar e retratar a cultura ao redor da história, às vezes invisível para nós.

Em sua opinião, quais seriam as possíveis dificuldades que o grande público poderia ter em relação à forma como a produção historiográfica é veiculada atualmente, como livros e artigos acadêmicos? Além das revistas de divulgação, quais seriam outros meios para que essa produção tenha um maior alcance entre o público não-especializado?

O leitor não-especializado só a muito custo é capaz de atravessar o texto de um livro ou artigo publicado em revistas acadêmicas. Por razões bastante óbvias, desde a forma como as idéias são expostas, a pouca familiaridade com os debates, falta de domínio dos jargões e nenhuma paciência com o vai e vem dos rodapés. A vivência acadêmica exige aprofundamento do debate, tem uma linguagem própria, segura no valor dos conceitos, comprovação dos postulados através da exposição exaustiva e repetitiva de exemplos, no uso

de regras e métodos que exigem a qualificação desse ambiente. A própria organização do texto é pouco convidativa. Sem falar na velocidade, rápida dos meios de comunicação, lenta na produção acadêmica. Notemos que a disciplina à medida que se profissionalizou e tornou-se domínio de especialistas tendeu a produzir uma forma de exposição própria que passou a ser difundida, ensinada e emulada por aqueles que se preparam para a profissão. A linguagem foi se fechando, regrada e abdicando muitas vezes do estilo em nome da forma que se apresentava mais adequada a exposição objetiva dos argumentos para leitores que dominam previamente o assunto. O mesmo aconteceu com os espaços públicos de debate, que encolheram para as salas de aulas, congressos e publicações reunindo especialistas. Sobraram poucas condições para a fruição da leitura. Seria ótimo se os trabalhos acadêmicos saíssem prontos para consumo do grande público. Infelizmente eles são raros. Pagamos um preço pelo triunfo da profissão. Mas o casulo está arrebentando. Se estivermos abertos para formas diferenciadas de produzir discursos, as velhas e novas mídias oferecem alternativas formidáveis. Basta acompanhar os programas de história no rádio – como vem sendo feito na UFMG – e nos programas de TV (como o “De lá para cá”, na TV Brasil) ou acompanhar alguns sites (dentre vários posso mencionar o “Café História”) e blogs.

Qual é o atual perfil do leitor da Revista de História da Biblioteca Nacional? Como a Revista têm se adaptado às demandas desse leitor?

É um mistério. Ouvimos alguns suspiros quando leitores nos escrevem permitindo sua identificação profissional, sua região e faixa etária. Ou quando colegas professores mencionam a revista. Como ainda não fizemos uma pesquisa qualitativa é apenas seguro afirmar que muitos leitores são professores e pesquisadores da área. O que não chega a surpreender em vista da vitalidade da disciplina em que todos buscam atualização e material para aplicar no ensino em diferentes níveis. Outros são profissionais que batalham em museus, arquivos e casas de patrimônio. A Revista é um lugar de conforto para a leitura de especialistas e profissionais da área. Mas além de todo este público há uma camada cujo perfil somos capazes apenas de suspeitar: um vasto grupo que se interessa pelos temas da cultura histórica. É para eles que a revista se destina primordialmente e por isso nasceu sob o desafio de conquistá-lo. Estamos tateando a procura de maior aproximação, mas isto não é

nada fácil.

A experiência da Revista Nossa História, hoje Revista de História da Biblioteca Nacional, foi pioneira no Brasil e motivou uma série de outras iniciativas similares. Em outros países, como a Inglaterra, iniciativas desse tipo, de "popularização" da História são comuns. O caso da França já é diferente, há uma resistência a esse movimento. Você conhece outras experiências internacionais? Conhece outras publicações da América Latina? Como você avalia a experiência brasileira dentro desse quadro internacional?

Revistas acadêmicas são evidentemente necessárias e não creio que sua finalidade deva ser confundida com as revistas voltadas para o grande público. Sua circulação é mais restrita, mas nem por isso menos importante. O mercado das revistas brasileiras demonstra enorme vitalidade e segmentação. O nascimento e morte de pelo menos 15 títulos dedicados à história nos últimos anos é sinal de que algo acontece. Sem falar das mudanças qualitativas que o espaço das bancas de jornal sofreu com o surgimento de novas publicações de caráter educativo voltadas para literatura, sociologia, geografia. Mas recordo que é preciso diferenciar as publicações de divulgação científica (como a nossa) e aquelas voltadas para o grande público (sem controle editorial por parte daqueles que produzem o conhecimento), como muito bem distingue Oldimar Cardoso, estudioso do tema na USP. Ainda assim quem há alguns anos imaginaria encontrar Hannah Arendt na capa de uma revista nas bancas? Ou Piaget? Ao redor do mundo tenho podido verificar que revistas de história destinadas à popularização são tremendamente parecidas quanto à estrutura editorial. Se as alemãs são as mais bem impressas, os espanhóis têm o maior número de títulos, as francesas carregam uma pesada massa de texto, as inglesas revelam um modelo gráfico vibrante e a nossa distingue-se por pertencer à Biblioteca Nacional. Em todas elas as seções utilizadas e a forma de atrair o público das calçadas são semelhantes. Se percorrermos os quiosques da Plaza Del Sol, o Boulevard San Germain ou Copacabana vamos encontrar inevitavelmente capas sobre “Guerras e batalhas” e “Maçonaria”, temas de grande apelo. O padrão de nosso mercado de revistas de História é muito semelhante ao espanhol pelo seu grande número e variedade e pela segmentação, com títulos destinados ao público

jovem, outros feitos por profissionais da disciplina, e ainda aquelas exclusivamente jornalísticas. Do que conheço há na América a revista argentina *Todo es Historia*, com mais de quarenta anos, e a mexicana *Relatos y Historia en México*, fundada há dois anos. São sinais de alguma vitalidade neste novo campo da disciplina.

In Novaes, O silêncio dos intelectuais. P 139.